

Patrícia dos Santos Pinheiro¹
Gabriela Novaes Santos²

**FUXICAR E BORDAR NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE MITUAÇU:
AS “FUXIQUEIRAS DO BEM”**

***FUXICAR AND EMBROIDER IN THE
QUILOMBOLA COMMUNITY OF MITUAÇU:
THE “FUXIQUEIRAS DO BEM”***

¹ Universidade Federal da Paraíba

² Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

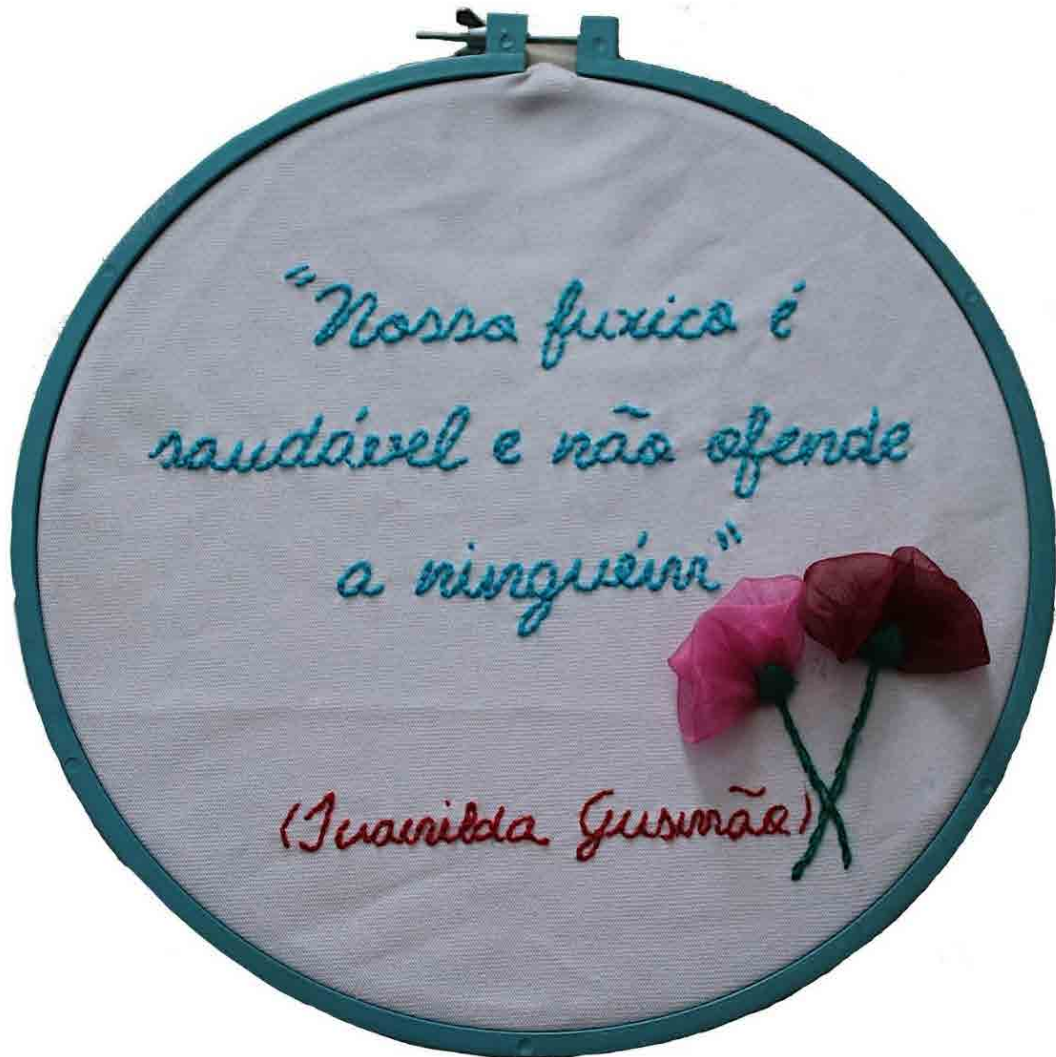
Neste ensaio, abordamos em fotografias as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão Histórias de Quilombo (UFPB), em especial as atividades manuais realizadas em forma de oficina com o grupo intitulado Fuxiqueiras do Bem, na comunidade quilombola de Mituaçu (Conde/PB). Nas oficinas tecemos fuxicos, bordados, mas também relações de proximidade e afeto. As costuras metodológicas foram baseadas no fazer coletivo e nas escolhas partilhadas entre o grupo. Com as sequências de imagens aqui apresentadas, mostraremos os detalhes do aprendizado compartilhado nos retalhos que se transformaram em artefatos diversos.

PALAVRAS-CHAVE: artesanato; comunidade quilombola; extensão universitária.

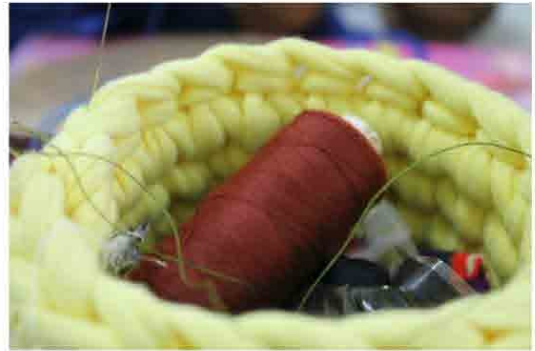
ABSTRACT

In this essay, we approach in photography the activities developed in the “Quilombo Stories Extension Project” (UFPB), especially the manual activities carried out in workshops with the group entitled Fuxiqueiras do Bem, in the quilombola community of Mituaçu (Conde/PB). In the workshops we sew *fuxicos*, embroidery, but also relationships of closeness and affection. The “methodological seams” were based on collective action and shared choices among the group. With the sequences of images presented here, we will show the details of the shared learning in the patches that became diverse artifacts.

KEYWORDS: handicrafts; quilombola Community; university extension.



Bastidor bordado por Aline Paixão com versos de Ivanilda Gusmão, 2019.



Linhas, agulhas e tesouras em ação.
Oficina de fuxico em Mituaçu.
Fotos: acervo do projeto, 2019.



Montar, desmontar e fuxicar. Oficinas de fuxico na escola Ovídio Tavares de Moraes. Fotos: acervo do projeto, 2019.





Fuxicos vermelhos: composição da toalha de mesa. Na foto de baixo, Dona Penha costura os fuxicos. Oficina em Mituaçu. Fotos acervo do projeto, 2019.



Aprendendo a fuxicar: acima, Elayne e Gerlane treinam o fechamento do fuxico. Abaixo, Geane segura a toalha em elaboração. Oficina de fuxico em Mituaçu. Fotos: acervo do projeto, 2019.

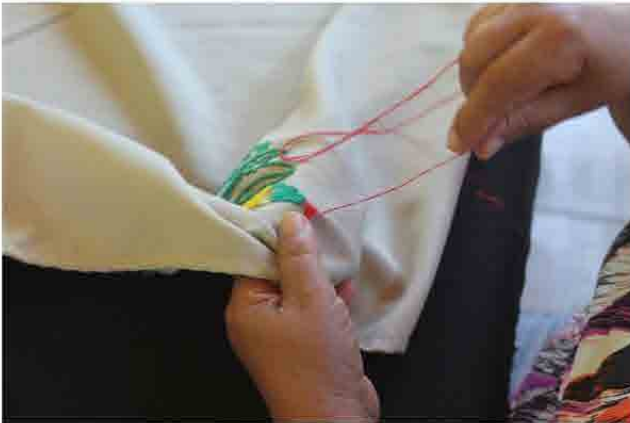


Acima, detalhe da toalha de mesa. Abaixo, da direita para esquerda, Penha, Geane e Matheus. Oficina de fuxico em Mituaçu. Fotos: acervo do projeto, 2019.





Do desenho ao tecido: bananeira bordada por Ivanilda. Oficina de fuxico em Mituaçu.
Fotos: acervo do projeto, 2019.



Ponto por ponto da bananeira bordada por Ivanilda. Oficina de fuxico em Mituaçu.
Fotos: acervo do projeto, 2019.



Sol de fuxico, feito coletivamente. Oficina de fuxico em Mituaçu.
Fotos: acervo do projeto, 2019.



Ivanilda mostra a toalha painel com bordados e fuxicos. Oficina de fuxico em Mituaçu.
Fotos: acervo do projeto, 2019.



Bordado de macaxeira feito por Gabriela Novaes Santos.
Fotos: Gabriela Novaes Santos, 2021.



Desenhos e bordados de Gabriela Novaes Santos com plantas e casas de Mituaçu.
Fotos: Gabriela Novaes Santos, 2021.

POEMA EM HOMENAGEM ÀS AMIGAS DO FUXICO (2019)

Há três meses mais ou menos
Nossa escola recebeu
Uma proposta bacana
Que logo nos convenceu
Abracamos a ideia
E o fuxico aconteceu

São treze amigas ao todo
Felizes a fuxicar
Trocando experiências
Dispostas a costurar
Toalhas, bonecas, flores
Pra seus lares enfeitar

Tem Patrícia, Ana e Penha
Tem Aline e Elaine
Mateus, Luciana e Ana
Ivanilda e Gerliane
A cigana Thaionara
Aparecida e Geane

Esse fuxico traz paz
Esse fuxico é do bem
Esse fuxico é saudável
E não faz mal a ninguém
Se quiser junte-se a nós
Para fuxicar também

Fuxico é alegria
Fuxico é diversão
Fuxico é terapia
Fuxico é descontração
Fuxico faz bem pra alma
E também pro coração

As amigas do fuxico
Eu quero agora dizer
Que passei dias felizes
Aqui junto com vocês
Já estou sentindo saudades
Por favor voltem outra vez



O ano era 2019. Esboços, moldes, linhas e tecidos, numa mistura de cores e texturas, ocupam todos os espaços da mesa montada no interior da Escola Ovídio Tavares de Moraes, no quilombo de Mituaçu, Conde, litoral norte da Paraíba¹. As Fuxiqueiras do Bem², como nos nomeamos, vão dando forma a montes de pequenos fuxicos, que são feitos a partir de retalhos, utilizando um molde circular para corte. Quando costurados em suas bordas e firmemente fechados, resultam na aparência de uma flor. Na sequência, são cerzidos em toalhas, enfeites, capas de almofadas, aplicações em bolsas e outros objetos. Timidamente, as linhas e agulhas também bordam figuras e palavras e por vezes se entrelaçam aos fuxicos, em técnicas que fomos aprendendo e aprimorando juntas, com orientações das mais experientes, como dona Penha, habilidosa artesã de Mituaçu que tem sido também nossa professora.

O burburinho da conversa (ou “fuxico”) de cerca de 10 pessoas, em sua maioria mulheres, por vezes é entremeado por uma cantoria contagiante do grupo ou por versos em cordel declamados por Ivanilda Gusmão, cordelista que participa do grupo desde o início das atividades e que compôs o Cordel “Homenagem às amigas do fuxico” (GUSMÃO, 2020)³. Apesar das constantes brincadeiras sobre o nome do grupo, fazer fuxico - o artesanato - é sempre o momento de encontro, de risadas, de desabafos e de relatos que permitiram que conhecêssemos mais da trajetória de cada uma e que remetem aos caminhos da memória coletiva de Mituaçu. Assim fizemos uma longa toalha de 4,40 metros, com destaque para o vermelho das bordas e linhas na extensa peça, também composta por tecidos coloridos de toda composição, recebidos em doações de retalhos. Ao final de cerca de seis meses, com a toalha pronta, ela foi doada à escola e também passou a circular pelas diversas festas que aconteciam na comunidade, percorrendo os laços familiares e de solidariedade que a compõem.

Desde 2017, o projeto Histórias de Quilombo tem se dedicado à construção compartilhada de um acervo artesanal e audiovisual sobre a trajetória da comunidade quilombola de Mituaçu, visualizando a convivialidade como prática vivida (AZEVEDO et al., 2020; PINHEIRO, 2019). Enfatizamos a importância de ma-

¹ Para um histórico de Mituaçu, ver Paixão (2014). Atualmente há cerca de 300 famílias na comunidade, a qual remonta há pelo menos 200 anos, com uma relação de proximidade entre o povo indígena Tabajara e famílias negras que aportaram no local. A pesca de peixe e camarão e a coleta de caranguejo nos rios Gramame e Jacoca são atividades importantes para os moradores, assim como roçados com alimentos. A comunidade tem auto-certificação pela Fundação Cultural Palmares datada de 2005, com regularização fundiária tendo sido feita parcialmente para algumas famílias por órgãos estaduais nos anos 1980.

² As imagens deste ensaio e as produções a seguir apresentadas foram fomentadas pelo projeto de extensão Histórias de Quilombo e de pesquisa “Práticas e conhecimentos quilombolas na Paraíba e no Rio Grande do Sul: experimentações de extensão, ensino e pesquisa etnográfica com materiais sensíveis” (Edital Universal CNPq 2018), vinculados à UFPB e à UFPel. O projeto conta atualmente com participação das Fuxiqueiras do Bem, Aline Paixão, Aina Azevedo, Ana Júlia Guimarães, Ana Lúcia, Gabriela Novaes, Ivanilda Gusmão, Juberlania Soares, Luciana Chianca, Maria da Paixão (dona Penha), Matheus Clementino, Maria Aparecida Nascimento e Patrícia Pinheiro. Em anos anteriores, participaram também Geane, Gerlane, Elayne Félix e Thayonara Santos, além das turmas de EJA e de 5º ano que acolheram diversas oficinas.

³ O cordel, apresentado como imagem neste ensaio, é parte de uma coleção, Mituaçu em Rimas, que tem sete cordéis de autoria de Ivanilda e foi ilustrada pela equipe do Histórias de Quilombo. A publicação foi apoiada pelo Fundo Casa Socioambiental e distribuída gratuitamente para a comunidade.

teriais interativos voltados para uma aprendizagem situada (LAVE, 2015) e que relacionem convivialidade, diferença e reconhecimento. Com o passar do tempo, além das fotografias e vídeos, também o desenho, o bordado e a costura têm sido revelados não como meios para documentação que jazem em gavetas secretas (AZEVEDO, 2016), mas enquanto caminhos que permitam reativar relações dentro da comunidade a partir de diferentes perspectivas.

As oficinas, que iniciaram em 2017 com a elaboração conjunta de vídeos e dois ensaios fotográficos com a turma de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Ovídio (que permanecem no local), aparecem como realização de metodologias compartilhadas que permitam construções coletivas e instiguem reflexividades e perspectivas quilombolas sobre sua historicidade. Em cada material produzido, fomos construindo uma relação que vai além de uma via de mão única entre quem registra e quem é registrada, revendo nossos próprios enquadramentos e exercitando sempre a escuta⁴. Entendemos as imagens não como uma cópia literal do que buscam retratar, mas sim como elas se reapresentam com outros olhares, incluindo as fotografias aqui apresentadas, que passam por esse encontro no momento das oficinas. Compreendemos que o uso de imagens e grafias por/com grupos sociais considerados minoritários têm se configurado como uma forma de proporcionar destaque a outros pontos de vista e de emergir rupturas diante de narrativas hegemônicas sobre a conformação de territórios e identidades específicas.

No decorrer das ações já executadas, com apoio de bolsistas, de pesquisadoras e voluntárias/os dos cursos de engenharia ambiental, ciências sociais e multimídias, foram aliadas entrevistas e recursos audiovisuais diversos, tomando-se por desafio congregar técnica, instrumentação teórico-metodológica e sensibilidade (PINHEIRO; PAIXÃO; SANTOS, 2019). Nesse processo, com a formação das Fuxiqueiras do Bem, em 2019, foram traçadas outras superfícies, nas quais as experiências no papel ou no tecido realizam um fazer-interpretativo que vai além da busca por representações verossímeis do que é observado.

Para além das oficinas, a metodologia do grupo tem prezado, em suas ações, pelas construções coletivas, adaptadas de acordo com as possibilidades de nossas interlocutoras e demais participantes. Assim, antes da pandemia eram realizadas, sistematicamente, reuniões de caráter organizativo com a escola quilombola e as Fuxiqueiras e entre a equipe da UFPB. Posteriormente, adaptamos reuniões para o modo remoto e grupo de mensagens, até que fosse possível retornar às atividades presenciais, o que ocorreu em 2022.

O encontro que propomos aqui é entre fotografias e o fazer manual, buscamos expressar acontecimentos, trançados em novas superfícies, dando outros contornos, como os bordados de contos locais e plantas nativas apresentados

⁴ Para acompanhar o acervo imagético, ver: <<https://www.antropoeticas.com/hist%C3%B3rias-de-quilombo>>, acesso em 10 de setembro de 2022. O material mais recente é a cartilha Plantas que têm história, com material didático sobre as plantas medicinais contadas por três anciãs da comunidade, incluindo Maria Aparecida, companheira das Fuxiqueiras do Bem. A cartilha, que será distribuída gratuitamente na tiragem de 500 exemplares, foi financiada pelo CNPq e está disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/cartilhaetnobotanica/mituacu/38/index.html>, acesso em 10 de setembro de 2022.

neste ensaio, no qual mostramos práticas artesanais do fuxico e do bordado desenvolvidas em Mituaçu, buscando pensar as relações entre artesãs, seus trabalhos manuais e o cotidiano da comunidade, no fazer junto, nas relações de trocas solidárias. O território de Mituaçu e as sociabilidades ali vivenciadas estão constantemente representadas pelas narrativas contadas em diferentes tipos de linhas, pontos e tecidos, territorializando práticas manuais que insistem em sobreviver em solo enxuto pelas técnicas de produção e consumo industriais. O artesanato aparece como grafia que comunica memória e identidade, por vezes perpassando também pela monetização através da venda em feiras, quando acordado pelas fuxiqueiras.

Um ponto importante de reflexão é que os momentos das oficinas vão além de uma característica capacitadora. Com linhas, agulhas, retalhos e tesouras ao centro da mesa, o silêncio muitas vezes tratado enquanto símbolo da concentração, era posto de lado e o ritmo das mãos e das vozes dialogavam. O fazer artesanal em grupo - a técnica, tipos de materiais usados - acionava lembranças de vivências passadas, contadas em volta da mesa. A busca pela feitura de um produto final se unia, e parecia só fazer sentido pelos (re)encontros e trocas.

O bordado está presente entre as práticas artesanais. O desenho perpassa o processo de bordar como uma primeira etapa organizacional, de uma composição que guia, primeiro no papel e/ou no tecido, mas não engessa o que será tramado. Ideias como precisão e verossimilhança são substituídas por tentativas de atentar para detalhes que revelem as vozes narrativas contadas junto a histórias e elementos territoriais do quilombo. Em uma das toalhas elaboradas na oficina, fizemos representações de Mituaçu em fuxico e bordados, idealizadas a partir de um mapa de Mituaçu, com seus rios e árvores frutíferas, que começou a ser esboçado no grupo. Os elementos bordados foram idealizados junto aos participantes da oficina. Assim, cada figura bordada na toalha traz uma memória afetiva de determinado local, como no caso do bordado da bananeira, árvore muito presente na comunidade e que naquele momento das oficinas compunha nosso campo de visão direto.

O aprendizado de técnicas, modelos e possibilidades de composição ocorreram na prática de bordar e de fuxicar durante a oficina. Com artesãs mais experientes (re)tramando diferentes pontos e “macetes” nos tecidos e ouvidos iniciantes atentos, as peças foram sendo produzidas por diferentes mãos juntas. Quem pouco sabia sobre o bordado e/ou o fuxico, aprendeu explorando cores e texturas de linhas, tramas de diferentes tecidos e conduzindo a agulha por diferentes caminhos. Demandando uma outra precisão, o que se busca representar através da linha e da agulha pode até mesmo frustrar enquanto “produto final”, mas o processo de feitura, no encontro das fuxiqueiras com os materiais, é carregado de sentidos. As formas, dimensões, transições de cores, simetrias pedem fôlego, tempo e entendimento da “nova” tela. A linha atravessa os mesmos detalhes desenhados de outro modo, destaca outras partes em uma comunicação tátil e que permite uma exploração e reflexão que ocorre no vagaroso processo

de quem reúne e tece esses diferentes materiais na expectativa do que virá.

Na feitura dessas artesanias e grafias aqui relatadas, consideramos que os bordados e fuxicos carregam mais do que escolhas, à primeira vista estéticas. Eles trazem aspectos da comunidade, sejam cotidianos ou contos presentes na memória coletiva. Assim, mesmo que o artesanato em alguns momentos seja feito individualmente, a coletividade ainda é carregada e pesa no trabalho manual, o que é feito e como.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO et al. Convivendo no Quilombo de Mituaçu, *Exposição virtual Antropoéticas*, 2020. Disponível em <https://www.antropoeticas.com>. Acesso em 24/07/2021.

AZEVEDO, A. Um convite à antropologia desenhada. *METAgraphias*, v. 1, n. 1, 2016, p. 194-208.

GUSMÃO, I. Cordel Homenagem às amigas do Fuxico, In: GUSMÃO, I. *Coleção Mituaçu em Rimas*. Observatório Antropológico, Histórias de Quilombo e Minha Jampa, 2020. Disponível em: https://issuu.com/fanzineducomunicativo/docs/cordel_1_-_mitua_u_em_rimas, acesso em 10 de setembro de 2022.

LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

PAIXÃO, A. M. P. *“Aqui todo mundo é parente”*: dinâmica territorial, organização social e identidade entre os quilombolas de Mituaçu, PB. (Monografia) Rio Tinto: [s.n.], 2014.

PINHEIRO, P. S.; PAIXÃO, A.; SANTOS, T. M. As plantas do quilombo e seus usos: memórias, aprendizados e criatividade na comunidade quilombola de Mituaçu, Conde – Paraíba. In: GONÇALVES, A.F.; ANDRADE, M.; ROMERO, O. H. (Org.). *Do desenvolvimento à sustentabilidade: políticas socioambientais e experiências comunitárias*. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, v.1, p. 85-101.

PINHEIRO, P. S. *Memories and collective Identity*: audiovisual, graphic and handicraft production in (and with) the quilombola community of Mituaçu, Paraíba (Brazil). In: The ALARI First Continental Conference on Afro-Latin American Studies, 2019. Harvard University.